

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO A  
PESQUISA**

**O CONCEITO DE HARMONIA NOS FRAGMENTOS DE  
HERÁCLITO DE ÉFESO**

**Bolsista: Thiago Rodrigues Lima, FAPEAM**

**MANAUS  
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO A PESQUISA**

**RELATÓRIO PARCIAL  
PIB-H/0119/2011  
O CONCEITO DE HARMONIA NOS FRAGMENTOS DE  
HERÁCLITO DE ÉFESO**

**Bolsista: Thiago Rodrigues Lima, FAPEAM  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Jatobá**

**MANAUS  
2012**

## Sumário

Resumo .....	4
Introdução .....	5
Fundamentação teórica .....	9
I - <i>Nous</i> , <i>Logos</i> e <i>epsthemai</i> : Heráclito e a possibilidade do conhecimento.....	12
II – <i>Logos</i> e <i>ethos</i> harmônico.....	15
III - Sono e vigília, memória e esquecimento.....	19
IV - Polimatia e <i>Metis</i> : O astuto conhece muito, o sábio move-se guiado pelo <i>Logos</i> . .....	21
V - Diké: Uma expressão de <i>nomos</i> e <i>physis</i> como princípios indissociáveis...	23
Conclusão .....	25
Referências .....	26
Cronograma .....	28

## Resumo

Heráclito viveu em Éfeso, cidade que compunha a Liga Jônica na Ásia menor, por volta de 540 a. C – 470 a. C. Seu caráter misantropo, aristocrático e altivo tornou-se proverbial em toda a Antiguidade. Recusava-se a participar da política, aspecto fundamental da sociedade grega, desprezava a plebe e apresentava críticas mordazes aos poetas, filósofos e religiosos de sua época. Isso tudo, somado a sua obra que nos chegou sob a forma de fragmentos e aforismos (modernamente, a seqüência desses aforismos é apresentada através de duas classificações: a inglesa, devida a Ingram Bywater, ou a alemã, de Hermann Diels) aparentemente paradoxais e de difícil interpretação, valeu-lhe a alcunha de “Obscuro”. Porém, para além dessa aparente obscuridade seu pensamento reverbera fortemente em diferentes contextos na história da filosofia e influencia significativamente diversos filósofos, da Antiguidade Clássica ao período da Modernidade e contemporaneidade. Seus fragmentos foram citados por filósofos como Platão, Aristóteles, Diógenes Laércio, Clemente de Alexandria, Plutarco e Sexto Empírico, dentre outros. Na Modernidade e contemporaneidade, pensadores como Hegel, Heidegger e Nietzsche figuram entre os que mais destacaram a influência direta que receberam dos aforismos de Heráclito. Dentro do que se convencionou chamar de filósofos “pré socráticos”, Heráclito de Éfeso é considerado por muitos como o filósofo de maior proeminência. A noção heraclítica de harmonia aponta para um movimento constante, onde opostos, antíteses, contradições, conflitos e dissonâncias aparentes não são desprezadas, mas são, sobretudo, condições de possibilidade de algo uno e indivisível que subjaz e engendra todo o real.

## Introdução

Ao pensarmos na palavra harmonia logo vem à mente noções como paz, ordem, equilíbrio, beleza, proporção e medida. Ocorre que na origem dessas relações diretas está uma palavra de densidade etimológica que remete às noções mais fundamentais e primordiais na história da filosofia e mesmo no pensamento e cultura ocidentais. O conceito de harmonia numa perspectiva grega antiga é da maior relevância por sua riqueza simbólica e abrangência semântica. A civilização grega, fundadora do que entendemos hoje por Ocidente no sentido mais amplo da palavra, legou-nos diversas noções que permeiam nossas linguagens e visões de mundo até hoje. Nós, ocidentais, somos em grande medida gregos. Não é preciso uma reflexão muito profunda ou mesmo ir muito longe com investigações para constatar que nossos modos de sentir, entender e expressar o mundo estão repletos de noções que constituem verdadeiros traços culturais, marcas identitárias que revelam nossas origens. Noções como a de harmonia que expressam e são indiciárias de todo um *ethos* grego arcaico e clássico.

Outras dessas noções, marcas ou traços culturais são apresentadas pontualmente em ROSSETTI (2006), referentes principalmente aos gregos dos séculos VII-V a.C da Jônia e posteriormente da Ática. A saber: a razão; as formas geométricas pelas quais os gregos representaram também as posições das estrelas e o movimento dos astros; as *technai*, artes (significativo é o alcance das artes figurativas neste período), ofícios, profissões, competências especializadas; a ciência enquanto saber cumulativo, progressivo, com fins públicos e coletivos; o pluralismo ideológico estimulado pela diversidade de formas de culto aos deuses e pelo fato de que “a incidência de prescrições religiosas sobre a vida cotidiana era relativamente baixa”; as instituições civis e as condutas no âmbito da *polis* grega. Todas estas características são identificáveis no Ocidente e na Idade Moderna.

Pensar o conceito de harmonia em Heráclito de Éfeso implica na investigação de outras noções fulcrais para o entendimento do pensamento grego antigo. Noções como a de *physis* (percepção e manifestação primeira da unidade original do mundo), *arché* (princípio ou origem da unidade não percebida pelos sentidos) e *cosmos* (expressão da multiplicidade do real, da ordem e do caos, da totalidade do universo). A harmonia exprime a relação entre estas noções, um mundo harmônico, uma natureza harmônica, um universo ou cosmos harmônico.

Já nas narrativas míticas do mundo, marcadas por uma tentativa de ordenar o real e tornar mais compreensível e plausível o mundo e nossas percepções dele, encontramos uma preocupação com a noção de harmonia. De Hesíodo e Homero, passando por Heráclito, Pitágoras, Empédocles e Aristóxeno, encontramos uma harmonia em todos estes que formam uma tradição mito poética e uma nascente tradição discursiva e noética<sup>1</sup>, tradições em constante relação e cujas interseções engendram o pensamento filosófico herdado, de maneira mais emblemática, de Sócrates, Platão e Aristóteles. Nesse contexto de transição ou interseção paulatina entre pensamento mítico, poético e filosófico, a palavra harmonia em suas acepções pode ser extremamente elucidativa na compreensão daquilo que chamamos de pensamento filosófico.

Originalmente, temos três acepções fundamentais para o termo harmonia: a primeira tem os sentidos de “encaixes” ou “presilhas” e remete à carpintaria e maçonaria; a segunda acepção, mais metafórica, diz respeito à harmonia como força, princípio, deusa ou personificação e está ligada aos poetas e filósofos; a terceira refere-se à terminologia musical, *harmoníai* eram as antigas escalas e sistemas de escalas na música. Não existem registros históricos que comprovem uma ordem cronológica e linear do surgimento e usos dessas acepções, o que é mais provável é que estes significados tenham concorrido em diversos momentos para a composição dos sentidos que entendemos hoje como harmonia.<sup>2</sup> Na esteira dos antigos e ao longo da história da filosofia temos vários nomes como Plotino, Boécio, Santo Agostinho e Plutarco, para citar somente alguns, que se notabilizaram por pensar a ordem, a medida, o equilíbrio, a relação, a regularidade, a beleza, a proporção e todas as noções ligadas direta ou indiretamente à harmonia dos gregos. Neste mesmo caminho há ainda uma harmonia, ou harmonias, na modernidade e contemporaneidade onde esta noção ganha as mais diversas conceituações, sempre apresentando características que revelam a herança etimológica dos gregos antigos. De filósofos como Leibniz, Edmund Husserl, Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche, matemáticos e astrônomos como Johannes Kepler, músicos e musicólogos como Hugo Riemann, Arnold Schoenberg, Eduard Hanslick,

---

<sup>1</sup> A propósito de um logos mítico e um logos noético Cf. BORNHEIM. Gerd

<sup>2</sup> Cf. CORRÊA, Paula da Cunha (2008: 7-9).

Ernest Mahle e Pierre Boulez, até escritores como Goeth e Thomas Mann, a noção de harmonia é pensada e ressemantizada de acordo com os contextos.

Dentro dessas diversas referências<sup>3</sup> na história da filosofia e da cultura ocidental é possível também entrever o liame e norteador temático que suscitou a presente pesquisa: O conceito de harmonia nos fragmentos de Heráclito de Éfeso. Pensar a harmonia em Heráclito é pensar a diferença. Ora, todo pensar é em alguma medida diferencial, poderíamos argumentar. Ocorre que para além do aparente truísmo e pleonasma contidos na idéia de pensar a diferença, o desafio que a leitura dos fragmentos nos apresenta é o de pensar a divergência como forma de expressão da unidade, unidade constantemente atualizada pelo conflito. Buscar compreender e pensar o movimento implicado nas relações entre contrários em busca por sentidos e pelo que há de comum na pluralidade de sentidos e discursos, eis a conduta a que os fragmentos heraclíticos nos instigam. Heráclito parece nos instigar constantemente a agir pela divergência e convergência como um princípio indivisível, uma harmonia de contrários.

Para um grego antigo, a medida, a harmonia, a proporção, o equilíbrio e o ordenamento constituem o ideal almejado de perfeição, a maior das virtudes, o belo e o bom, a filosofia sendo a mais alta música, como diz Platão no diálogo *Fédon*<sup>4</sup>, o propósito excelente do filósofo. Como então, nesse contexto, pensar um filósofo que é tido como o filósofo dos contrários? Como entender a harmonia, a proporção, a ordem em um filósofo que propugna pela dissonância, pelos contrários, pelo conflito como pai e mãe<sup>5</sup> de todas as coisas? Heráclito fala de uma harmonia de tensões, uma harmonia gerada a partir do movimento de dissonâncias físicas, morais e intelectuais.

Pode-se dizer que Heráclito de Éfeso é um dos mais importantes parceiros<sup>6</sup> da filosofia, em seus fragmentos observamos o nascimento do pensamento filosófico, o limiar mito logos, a interseção permanente entre noções e discursos míticos, poéticos,

---

<sup>3</sup> Citar obras como referências complementares ou escrever sobre o momento da produção de cada autor citado em que o a noção de harmonia aparece.

<sup>4</sup> Citar passagem do *Fédon* e fazer comentário sobre o princípio *kalos kai agathos* em Platão, articulando com passagens do Livro III da República em que os termos harmonia e música aparecem.

<sup>5</sup> A rigor o termo *polemos* expresso no fragmento DK 53 é traduzido pelo substantivo masculino “conflito”, portanto a tradução mais corrente diz *O conflito é pai de todas as coisas*. Porém, alguns comentadores e tradutores como Charles Kahn, Geoffrey Kirk, John Raven e Ingram Bywater utilizam a palavra guerra como recurso interpretativo, o fragmento traduz-se, assim, por *A guerra é mãe de todas as coisas*.

<sup>6</sup> Referência à maiêutica...

políticos, religiosos, cosmogônicos, e as noções e discursos cosmológicos, lógicos e filosóficos. O conceito de harmonia em Heráclito mostra a íntima e constante relação entre mito, poesia e filosofia. Essa relação e interseção revelam um fazer musical, se pensarmos a música como movimento de elementos diversos, elementos melódicos, rítmicos e harmônicos, em busca de medidas, normas, formas<sup>7</sup> e proporções, também um fazer tal qual a *mousiké*<sup>8</sup>, arte das musas, filhas de Zeus e *Mnemosýne* que enunciavam e revelavam a verdade (*alétheia*<sup>9</sup>).

O conflito em Heráclito não é aniquilador, é antes a própria música em uma harmonia de tensões opostas. O pensamento de Heráclito é música como limiar mitológico, a mais sagrada das iconoclastias e a mais iconoclasta das sacralidades, é a expressão maior e mais sutil do impulso dionisíaco, orgíaco, desregrado, instintivo, inefável e insondável que, paradoxalmente, é também condição de todo conhecimento e de todo discurso<sup>10</sup>. A noção de harmonia elaborada por Heráclito faz pensar em um sentido de unidade que engendra toda a pluralidade e diferença possíveis, o único e o múltiplo, o conflito e a paz, o dia e a noite<sup>11</sup>, todos entendidos como formas e expressões de algo que é uno e indivisível e, não obstante, também não preteri os contrários. O que para nós é sinônimo de caos, contradição, oposição e exclusão absoluta entre conceitos, nessa perspectiva heraclítica é harmonia. Em Heráclito de Éfeso o divergente converge consigo mesmo e as dissonâncias harmonizam-se, há um necessário conflito unificante do qual depende toda a existência. A investigação e análise do pensamento de Heráclito mostra sua relevância no fazer filosófico na medida em que nos conduz à formulação vigorosa do problema da unidade do Ser diante da pluralidade das coisas, o problema do movimento permanente e conflitante como princípio eterno que gera todo o real.

Norteados pela análise, leitura e cotejo de traduções, bem como pela leitura de comentadores e especialistas em Heráclito<sup>12</sup>, a presente pesquisa propõe uma

---

<sup>7</sup> Cf. CORRÊA, Paula da Cunha. Cap. II: *Nómos*.

<sup>8</sup> Cf. DETIENNE, Marcel. In: Os mestres da verdade. 1981. pp...

<sup>9</sup> Cf. DETIENNE, Marcel. In: Os mestres da verdade. 1981. pp...

<sup>10</sup> Cf. Colli, Giorgio. pp...

<sup>11</sup> *O deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome, mas se alterna como fogo, quando se mistura a incensos, e se denomina segundo o gosto de cada.* (DK. 67).

<sup>12</sup> Cf. Referências bibliográficas. Para a redação do presente projeto de pesquisa utilizamos como fonte primeira para citação de fragmentos e excertos a tradução de SOUZA, José Cavalcante. Para cotejo de tradução utilizamos KAHN, Charles.



investigação do pensamento de Heráclito de Éfeso enfatizando a noção de harmonia expressa nos fragmentos 8 DK, 51 DK, 54 DK e suas relações com a doxografia e as referências aqui utilizadas sobre Heráclito.

(DK 8) *Heráclito (dizendo que) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia.*

(DK 51) *Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, com de arco e lira.*

(DK 54) *Harmonia invisível à visível superior.*

E a partir dessa investigação, compreender e apresentar a relevância do conceito de harmonia para o entendimento de alguns conceitos que marcam os primórdios da filosofia na Antiguidade Clássica e influenciam todo o pensamento filosófico desde então: caos, cosmos, dialética, *logos*, *aletheia* e *physis*. Com esta clarificação conceitual, a pesquisa intitulada “O conceito de Harmonia nos fragmentos de Heráclito de Éfeso” pretende fornecer condições preliminares para uma interpretação do pensamento de Heráclito de Éfeso e sua importância para as disciplinas filosóficas e para a história da filosofia, uma interpretação coerente e não necessariamente concordante com a leitura de outros interpretes e comentadores. E que essas condições possam instigar, gerar novas questões e novos estudos, favorecer novas perspectivas a respeito dos principais nexos, da importância e da recorrência do conceito de Harmonia, bem como do pensamento de Heráclito de Éfeso para a filosofia.

## **Fundamentação teórica**

As fontes doxográficas de Heráclito remontam a obras como *Vida e doutrina dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio e diálogos *O Banquete* e *Crátilo* de Platão. Tudo o que temos hoje de Heráclito é fruto de citações de segunda mão, de obras atribuídas a ele ou a pensadores ditos heraclíticos, também alguns excertos, trechos de frases ou mesmo parte de palavras. Em se tratando de uma obra da qual temos escassos e imprecisos registros tal como os fragmentos de Heráclito, o trabalho de cotejo de traduções ultrapassa o simples interesse técnico lingüístico, podendo estimular as mais diversas leituras e sutis relações de sentido, ou ainda, revelar uma hipotética unidade textual. A tradução e o modo de compilação dos fragmentos apresentados nos textos de KAHN, SCHULER e KIRK&RAVEN, por exemplo, evidenciam essa tentativa de

demonstrar uma unidade textual e direcionamento discursivo nos aforismos de Heráclito de Éfeso. A partir de uma escolha e organização própria dos fragmentos, estes autores desenvolvem suas interpretações e análises dos principais temas e conceitos, da etimologia das palavras e do contexto histórico filosófico de origem dos textos.

Estudar qualquer pensador pré-socrático<sup>13</sup> envolve um longo trabalho de registro, análise, compilação, cotejo e interpretação de informações heterogêneas e difusas. E ao estudar Heráclito de Éfeso, obviamente, também não prescindimos dessas condições. Parte dos epítetos de Heráclito, como obscuro e misantropo, advêm desses autores antigos, seus interpretes e comentadores. Cabe ao pesquisador contextualizar da forma mais fiel possível - e progredir nessa fidelidade - a origem e o desenvolvimento desses epítetos, lembrando que todo esforço nesse sentido é sempre um corolário de qualquer pesquisa ou mesmo uso que se queira fazer dos fragmentos de Heráclito de Éfeso. Na redação do presente projeto de pesquisa buscamos evidenciar essa tentativa de interpretação dos fragmentos de Heráclito à luz dos aspectos de investigação e pesquisa mencionados acima.

A obra de Heráclito constitui-se de várias frases aparentemente isoladas que, por um longo período, foram consideradas como fragmentos de um suposto texto original. Posteriormente, reconheceu-se tratar, na verdade, de aforismos. Não obstante, no trabalho de investigação, análise e interpretação do pensamento heraclítico, ainda hoje algumas questões são fundamentais em qualquer obra sobre Heráclito de Éfeso: Como e em que medida esses aforismos constituem ou não um texto integral, coeso, com um direcionamento discursivo mais ou menos demonstrável? Como as diversas traduções e comentários expressam essa possível integralidade e coesão? Estas questões estão presentes em todos os textos analisados nessa pesquisa, sejam eles textos dedicados exclusivamente ao pensamento de Heráclito, sejam passagens de obras onde fragmentos são citados e comentados.

Modernamente, a seqüência desses aforismos é apresentada segundo duas numerações: a inglesa, devida a Ingram Bywater (1840 – 1914), ou a alemã, de Hermann Diels (1848 – 1922) e Walther Kranz (1884 – 1960). A partir do monumental

---

<sup>13</sup> O termo “pré-socrático” não foi veiculado por Diels, como se costuma pensar, mas por Zeller nos dois primeiros tomos de sua obra *A filosofia dos Gregos em seu desenvolvimento histórico*. Cf. ROSSETTI, Lívio.

*Os fragmentos dos Pré-socráticos* de Hermann Diels, numerosos trabalhos de interpretação crítica têm surgido. Desta profusão de obras realizadas por filólogos, historiadores da filosofia e filósofos, temos duas conseqüências preliminares. A primeira diz respeito à própria profusão de obras que acaba por gerar um amontoado de textos, textos que em alguns momentos mais desvirtuam, criando redundâncias e leituras rasas, tendenciosas, quase apologéticas como no caso da noção de *panta rei* ou fluidez absoluta que muitas vezes associa Heráclito ao ceticismo e relativismo filosóficos. Tais leituras não ajudam no esclarecimento e contextualização de tudo o que chegou até nós sobre os pré-socráticos, com argumentos coerentes e plausíveis. Navegar nesse mar de traduções e comentários é um desafio constante para todo aquele que pretende dedicar-se ao estudo dos primeiros filósofos.<sup>14</sup> Paulatinamente é preciso buscar um progressivo e permanente cuidado metodológico e discursivo para não incorrer em imposturas intelectuais, anacronismos e dissimulação de traduções, perigos sempre iminentes no estudo da filosofia antiga.

Com relação à segunda conseqüência, ainda valendo-se da profusão de textos que formam a doxografia heraclítica, este amontoado de traduções e comentários pode ser extremamente salutar na medida em que instiga o cotejo desses textos em busca de um discurso que faça mais sentido e preze por uma cada vez maior acuidade argumentativa e discursiva. Assim, estudar filosofia antiga e, mais especificamente, estudar o pensamento de Heráclito de Éfeso e os filósofos pré-socráticos é um exercício constante em busca de um aprimoramento histórico, lógico, filológico, poético e filosófico. Um exercício que exige agudeza e sutileza de espírito para penetrar a profundidade das questões postas por estes filósofos, questões que remontam a gênese dos pensamentos mítico, poético, científico e filosófico num momento de intensa interseção entre eles, ou mesmo indissociabilidade. Por fim, para garantir o cumprimento dessas exigências é necessário um envolvimento para além de aspectos mais formais e técnicos, um envolvimento em busca de si mesmo, parafraseando os dizeres de Heráclito no fragmento DK 101<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Dentre as primeiras atestações do termo filosofia a mais antiga aparece no fragmento DK 35 de Heráclito: *Pois é preciso que de muitas coisas sejam inquiridores os homens amantes da sabedoria.* (SOUZA, José Cavalcante de). *Com efeito, os homens que amam a sabedoria [philosophoi andres] devem ser bons investigadores em muitas coisas.* (KAHN, Charles H.)

<sup>15</sup> *Procurei-me a mim mesmo.* DK 101

## **I - *Nous, Logos e epsthemai*: Heráclito e a possibilidade do conhecimento.**

O caráter enigmático, aforismático, fragmentário e antitético atribuído à obra de Heráclito, junto de sua reputação de misantropo, aristocrático, obscuro, altivo e sua recusa deliberada em participar da política<sup>16</sup>, seu desprezo pelo vulgo, pela maioria<sup>17</sup>, pelo comum dos homens, e suas críticas mordazes aos poetas, filósofos e religiosos de sua época<sup>18</sup>, isso tudo, é indiciário da complexidade envolvida na correta e rigorosa investigação e interpretação da doxografia heraclítica, indiciário do quanto difuso podem ser as informações que temos sobre Heráclito e do quanto difícil pode ser perscrutar essa doxografia na busca por discursos plausíveis. Esta complexidade pode induzir a algumas leituras correntes sobre o que seria o mais legítimo e fiel pensamento de Heráclito, mencionemos uma delas: aquela que nega a possibilidade do conhecimento em Heráclito, aquela através da qual o pensamento heraclítico é identificado ao ceticismo. Nessa perspectiva Heráclito é visto como um pensador que parece estar interessado, sobretudo, em desconstruir toda possibilidade de ordenamento do real em favor de um estado de perpétuo conflito e aniquiladora contradição, em favor de uma condição de eterna negação, de eterno combate e instabilidade<sup>19</sup>. Correspondente a esta leitura é aquela que considera Heráclito como o pensador da fluidez absoluta (*phanta rei*<sup>20</sup>), a interpretação do pensamento de Heráclito como uma

---

<sup>16</sup> Cf. Capítulo “*Diké*: Uma expressão de *nomos* e *physis* como princípios indissociáveis” a propósito de como renunciar ao *πολιτεία* não implica necessariamente renunciar à *πολις*.

<sup>17</sup> *Pois que inteligência ou compreensão é a deles? Em cantores de rua acreditam e por mestre têm a massa, não sabendo que “a maioria é ruim, e poucos são bons”*. (DK 104)

*Um pra mim vale mil se for o melhor*. (DK 49)

<sup>18</sup> *Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e Pitágoras, Xenófanes e Hecateu*. (DK. 40)

*Homero merecia ser expulso dos certames e açoitado, e Arquíloco igualmente*. (DK. 42)

*Mestre da maioria é Hesíodo; pois este reconhece que sabe mais coisas, ele que não conhecia dia e noite; pois é uma só (coisa)*. (DK. 57)

*Com razão Heráclito censurou Hesíodo por fazer uns dias bons e outros maus, dizendo que ignorava como a natureza de cada dia é uma e a mesma*. (DK. 106)

*Ancestral de charlatães (Pitágoras)*. (DK. 81)

<sup>19</sup> Leitura de viés notadamente nietzschiana. (referências? Desenvolver nota... )

<sup>20</sup> Importante salientar que não há, em nenhum dos fragmentos heraclíticos que nos foi legado, a presença do termo *phanta rei*. A noção de fluidez remonta a Crátilo, discípulo de Heráclito que recorria de forma enfática à idéia de movimento, princípio e regente de todas as coisas.

rejeição de qualquer objetividade epistemológica, rejeição que se assemelha a uma vontade de incoerência, um elogio à imprecisão conceitual, uma ode a não definição.

Na história da filosofia, Heráclito é reconhecido como o pensador dos contrários e do movimento por excelência e, de fato, a primazia de noções de movimento, conflito, mudança e opostos parecem ser a tônica de todo discurso heraclítico. Porém, disso não decorre necessariamente o fato de Heráclito ser ou não um cético, aquele para quem é impossível determinar a verdade de forma objetiva, rigorosa e definitiva. Tão pouco é possível deduzir que Heráclito é um relativista, aquele para quem todo conhecimento é dado e produzido de acordo com o contexto. É, por outro lado, justamente por ter formulado de forma vigorosa o problema da unidade do Ser diante da pluralidade das coisas, do movimento permanente e conflitante como princípio eterno que gera todo o real, real entendido como puro devir, que Heráclito mostra sua proeminência na constelação filosófica da Antiguidade. É, portanto, nessa formulação, visando compreender a expressão da unidade dos opostos como eterno movimento do real, que reside, fundamentalmente, toda a importância histórica e filosófica, toda a distinção e a complexidade de Heráclito.

Se há ceticismo em Heráclito, este diz respeito à possibilidade de cristalização da noção de um *logos*, o que desvirtuaria seu caráter discursivo, ou seja, sua condição de mutabilidade, mobilidade, fluidez e transitoriedade. O conhecimento para Heráclito só é possível enquanto processo de mutação, movimento alternado de opostos, enquanto vir a ser. Nesta perspectiva, palavras como movimento, mudança e conhecimento são sinônimos e, em todas elas, há um fogo eterno que ascende e apaga com medidas. A vida é um eterno devir, um processo constante de vir a ser, está como que permeada de um fogo mutável e encharcada de águas que fluem. Heráclito não parece querer determinar ou estabelecer um fim ao princípio indivisível e imutável da natureza física do mundo, quer antes de tudo, dar inteligibilidade e possibilitar um despertar para a condição mortal humana que ascende e apaga com proporção.

(DK. 62) *Imortais mortais, mortais imortais, vivendo a morte daqueles, morrendo a vida daqueles.*<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> (D. 62) *Imortais mortais, mortais imortais, vivendo a morte de outros, mortos na vida de outros.*

A condição de mortalidade do homem em oposição à imortalidade divina constitui uma estrutura de vida morte tal como a estrutura conceitual e discursiva do *logos* heraclítico, estrutura mortal e divina que, ao ser entendida, homologada e reconhecida enquanto tal, revela-nos a verdade, a unidade subjacente, oculta, a harmonia invisível de todo o real.

Heráclito estava preocupado com o *logos* enquanto unidade, unidade esta que não pode ser apreendida somente pelos sentidos, aqueles que nos dão uma noção de tudo aquilo que é transitório. O *logos* é conceito e discurso, expressão, mas também é natureza, nenhum discurso é capaz de apreender plenamente a Harmonia invisível da natureza (*physis*) que ama ocultar-se<sup>22</sup> sem a noção clara e auto-evidente de que tudo é um segundo o *logos* expresso no fragmento 50.

(DK. 50) *Não de mim, mas do logos tendo ouvido é sábio homologar tudo é um.*

Os opostos e a multiplicidade são conceitos. Em realidade tudo é um. O frio e o quente, o baixo e o alto, o dia e a noite, todos os contrários existem não em realidade, mas conceitualmente como expressão do movimento. Um movimento que em sua plenitude é inefável e insondável, tal como o Logos, porém, com o tempo<sup>23</sup>, de maneira circunstancial e aparentemente fortuita<sup>24</sup>, apresenta-se como processo recíproco de esfriamento e aquecimento, de tornar-se mais baixo na medida em que o outro torna-se mais alto, de anoitecer na medida em que o dia chega e vice versa. Este movimento apresenta-se como devir, como instante necessário de negatividade imanente no mundo, como harmonia diferencial, dissonâncias atualizadas, sentidas e intuídas que determinam todo nosso entendimento (nous). Movimento pressupõe o outro, o diferente. É nessa relação, nesse caminho em direção àquilo que faz o contraponto, àquilo que difere ou diverge e por isso mesmo confere sentido, que reside todo fundamento e

---

<sup>22</sup> *A natureza ama ocultar-se.* DK 123

<sup>23</sup> *Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado* DK 52. *(Como?) coisas varridas e ao acaso confundidas (é?) o mais belo mundo.* DK 124. O movimento dos contrários constitui o mais belo mundo em Heráclito, este movimento ocorre no tempo, é circunstancial e apresenta-se como um exercício lúdico, uma brincadeira aparentemente banal e fortuita, mas que revela aquilo que constitui o princípio de todas as coisas, o Logos harmônico, harmonia que se atualiza no movimento das dissonâncias e dos contrapontos.

<sup>24</sup> *O que para os homens permanece quando morrem (são coisas) que não esperam nem lhes parece (que permaneçam).* DK 27

princípio epistemológico em Heráclito. Ao divergir convergimos, ao diferir conferimos sentidos. Dissonâncias e contrapontos harmonizam, a disritmia é imanente e engendra as noções rítmicas, contratempos e polirritmias fundamentam os compassos e métricas.

(DK 67) *Deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, superabundância fome; mas ele assume formas variadas, do mesmo modo que o fogo, quando misturado a aromatas, é denominado segundo os perfumes de cada um deles.*

## II – *Logos e ethos* harmônico

Segundo Kahn (2009), Heráclito é o primeiro a usar o termo *logos*, ao mesmo tempo discurso e princípio divino, unidade profunda ocultada pela efemeridade e fluidez das coisas. A unidade profunda e fundamental, unidade na tensão dos opostos, pode ser expressa através do *logos* que, enquanto conhecimento da totalidade do real, capta, revela e rege o movimento dos contrários, as tensões e conflitos. É, pois, a partir desta noção de *logos* que podemos deduzir a função da ação dos contrários, o papel da contradição no desenvolvimento do pensamento de Heráclito.

Ao pensarmos em conceitos aparentemente antitéticos e proposições aparentemente contraditórias, realizamos um movimento intelectual em busca de ordenamento, de relações e sentidos comuns que possam fundamentar um conhecimento consistente do real. Ao proceder dessa maneira, agimos como músicos em uma sinfonia com instrumentos e sonoridades diversas, experimentando ao máximo distintos elementos musicais, forçando dissonâncias e síncopes rítmicas em busca de composições cada vez mais versáteis e formas mais ricas de expressar universos musicais cada vez mais diversos, uma busca constante por um mundo musical harmônico e ordenado através da permanente clarificação de uma noção de dissonância e disritmia necessariamente bela. Em Heráclito, o filósofo, o homem que ama verdadeiramente a sabedoria age como este músico experimental que se lança em um movimento, não buscando controlá-lo, mas vivê-lo e deixá-lo fluir como as águas sempre novas de um rio que corre. Nessa perspectiva, o amante da sabedoria é guiado por uma conduta, um modo de entender, sentir e agir musical, um *ethos* harmônico que implica num jogo discursivo permanente de diferenciações, visando à harmonia,

visando o sentido de beleza e ordem que fundamentam o fazer musical. E é justamente a partir desta conduta, deste ethos harmônico, envolvendo elementos contrários e conceitos opostos, que é possível compreender Heráclito no fragmento DK 51.

(DK 51) *Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira.*

Há aqueles que por mais que sejam ensinados<sup>25</sup>, que tenham diuturnamente a experiência do movimento dos contrários, da inconstância das relações humanas, da efemeridade dos conhecimentos particulares e múltiplos, ainda assim, permanecem agarrados em certezas, em modelos estanques de entendimento de coisas particulares. Estes não compreendem como os opostos podem sustentar a realidade. Isso porque a realidade, para Heráclito, não é a convergência ou a divergência em si, mas o movimento aparentemente fortuito<sup>26</sup> que ocorre necessariamente entre o divergir e o convergir<sup>27</sup>. Não entramos duas vezes no mesmo rio<sup>28</sup>, pois tão logo colocamos os pés nas águas deste rio, estas já não serão as mesmas. A metáfora do rio diz respeito justamente a essa transitoriedade e efemeridade das coisas que vivemos porque é uma condição, um imperativo humano. Porém, o que está além das capacidades humanas é determinar o movimento plenamente. Compreender que tudo é Um<sup>29</sup> e este Um é movimento de eterno devir, lançar-se nesse eterno devir, este sim é o propósito<sup>30</sup> do amante do saber.

A partir da perspectiva teleológica aristotélica uma pergunta pode ser suscitada: Ao afirmar que os contrários são os mesmos e com a finalidade de entender o *logos* que é essencialmente uno e ainda assim múltiplo em sua forma, Heráclito apenas nega o princípio da não contradição ou simplesmente não se detém em aspectos estritos da lógica formal em seu discurso? Neste ponto é importante destacar que, em Heráclito, o Conflito (*Éris*) é pai de todas as coisas, como expresso no fragmento 80.

---

<sup>25</sup> *Muitos não percebem tais coisas, todos os que as encontram, nem quando ensinados conhecem, mas a si próprios lhes parece (que as conhecem e percebem).* DK 17

<sup>26</sup> *Se não esperar o inesperado não se descobrirá, sendo indescobrável e inacessível.* DK 18

<sup>27</sup> *Conjunções o todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas.* DK10

<sup>28</sup> *Aos que entram no mesmo rio outras águas afluem; almas exalam do úmido.* DK 12 *Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.* DK 49

<sup>29</sup> *Não de mim, mas do logos tendo ouvido é sábio homologar tudo é um.* DK 50

<sup>30</sup> *Pensar sensatamente (é) virtude máxima e sabedoria é dizer (coisas) verídicas e fazer segundo (a) natureza, escutando.* DK 112



(DK. 80) *É preciso saber que o combate é o que-é-comum, e justiça (é) discórdia, e que todas (as coisas) vêm a ser segundo discórdia e necessidade.*<sup>31</sup>

Aqui a noção de movimento mostra-se, outra vez, fundamentalmente elucidativa. Através do movimento harmônico dos opostos alcançamos o equilíbrio. O velho e o novo, o úmido e o seco, o frio e o quente, o alto e o baixo, o consonante e o dissonante, todos os opostos constituem medidas, medidas que se harmonizam com o tempo e constituem a mais bela sinfonia de harmonias de tensões contrárias, tal como no excerto 8 DK.

(DK. 8) *Heráclito (dizendo que) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia.*<sup>32</sup>

Ambos, o excerto DK. 8 e o fragmento DK. 51 mostram a noção de contrários, de opostos que, em movimento, harmonizam-se. Tudo o que existe é fruto do movimento eterno e conflituoso de opostos, convergentes divergentes, conflito paz, consonantes dissonantes, dia noite, inverno verão, pares de opostos que compõe o mundo, regidos por um *logos* em tensão permanente, tensão sem a qual não haveria harmonia. As noções de movimento, de alternância dos contrários e de harmonia em Heráclito podem, assim, servir de liame conceitual para pensar o discurso heraclítico como um todo. Ler os fragmentos é como ser exortado, quase impelido a compreender o valor positivo e auto-evidente das antinomias e das antíteses, valor expresso pelo movimento contínuo, como o fogo que ascende e apaga de acordo com as situações. Esse movimento é interno e não depende de qualquer estímulo exterior para ser conhecido.

(DK. 103) *Pois comum (é) princípio e fim em periferia de círculo.*<sup>33</sup>

Os aforismos heraclíticos, a despeito, ou ainda, valendo-se de seu caráter axiomático<sup>34</sup> e fragmentário, é cíclico<sup>35</sup> e harmônico, não porque exclui de seu

<sup>31</sup> (D. 80) É preciso entender que a guerra é o que é comum e o Conflito é Justiça, e que todas as coisas vêm a ser (e são ordenadas?) de acordo com o conflito. (KAHN, Charles H.)

<sup>32</sup> (D. 8) *O contrainpulso leva junto, e de tons variáveis vem a ser a melhor afinção (harmonia), e todas as coisas chegam por conflito.* (KAHN, Charles)

<sup>33</sup> (D. 103) *[De acordo com Heráclito]O começo e o fim são comuns na circunferência do círculo.* (KAHN, Charles)

<sup>34</sup> Verdade auto evidente que, em Heráclito, é ocultada ou incognoscível aos que estão no leito a dormir como se despertos estivessem.

vocabulário aquilo que seria sua antítese, a dissonância, a guerra, o conflito, o não encaixe, o desacordo, mas fundamentalmente, porque concebe tais antíteses enquanto motor do mundo e do pensamento, formas privilegiadas do uno dito harmônico. Talvez esse caráter fragmentário e axiomático da obra de Heráclito seja realmente emblemático e indiciário de um discurso vivo que, através dos limites próprios da linguagem, diz o essencial daquilo que é ilimitado. Portanto, a eloquência de Heráclito nasceria não da profusão de palavras que acabam por dizer cada vez mais sobre cada vez menos, mas na precisão conceitual, na busca por definições auto-evidentes, na explicitação de noções simples em aparência, porém absolutamente densas em sua unidade de sentido. Para além do que parece um discurso repleto de eufemismos e tautologias, sem nexos, feito somente de antinomias e antíteses retóricas, há uma estrutura feita de opostos, estrutura cíclica e permanente de morte e vida.

É, pois, com esta estrutura cíclica que é possível pensar a função dos contrários no pensamento de Heráclito. Ao destacar e enfatizar verdades aparentes que dizem o múltiplo, o discurso enigmático e antinômico de Heráclito aponta para uma harmonia oculta ou invisível que subjaz e fundamenta uma harmonia visível. Não se trata, aqui, de uma hierarquia excludente entre verdades ou, usando as metáforas heraclíticas, de uma primazia da harmonia oculta em detrimento de uma harmonia aparente. Trata-se, sobretudo, de compreender que há uma reciprocidade necessária entre *logos* enquanto discurso, expressão, multiplicidade do real e *logos* enquanto unidade, essência, elemento primordial que move o mundo. O movimento natural, que se processa através do conflito, é o que gera a harmonia ou o equilíbrio, é o que torna tudo um e nos remete a multiplicidade da unidade.

Fica evidente, mais uma vez, a proeminência da noção de movimento que parece engendrar todo o pensamento de Heráclito, como nos faz pensar a herança desde Crátilo<sup>35</sup>. Se há em Heráclito um princípio que determina o cosmos, este princípio é o movimento. Tudo muda, tudo está em constante vir a ser, a tensão arco e lira, a tensão dos opostos é, sobretudo, um movimento de vir a ser, um movimento que expressa o devir e age através dele. A natureza só é concebida enquanto movimento, a realidade é fluida como as águas de um rio. Somente este movimento, este fluir é acessível ao ser

---

<sup>35</sup> *Pois comum (é) princípio e fim em periferia de círculo*. DK 103

<sup>36</sup> Cf. Nota (Número?) sobre *pantha rei*.

humano. É nesse sentido que Heráclito pode ser entendido como filósofo do movimento, do conflito, dos contrários: O *logos* expressa a multiplicidade no mundo por ser essencialmente ação e movimento que geram entendimento (*nous*)<sup>37</sup>, daí o caráter emblemático do fogo como elemento primordial, símbolo do *logos* enquanto unidade móvel.

(DK. 30) *Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas.*<sup>38</sup>

O fogo significa tanto o elemento mais metafórico que pode promover destruição, morte, finitude, como o elemento físico químico constante que possui as mesmas propriedades em todo lugar. Ele acende e apaga com medidas ou proporções que harmonizam e ordenam a diversidade, os opostos, a dissonância no mundo.

### III - Sono e vigília, memória e esquecimento.

(DK. 2) *Por isso é preciso seguir o-que-é-com, (isto é, o que é comum, pois o comum é o-que-é-com). Mas, o logos sendo o-que-é-com, vivem os homens como se tivessem uma inteligência particular*<sup>39</sup>

Este fragmento apresenta um *logos* que é comum a todos, porém, comum não em um sentido de corriqueiro ou normal, mas comum como algo que é com o uno, indivisível e eterno, aquilo que expressa a unidade fundamental de todas as coisas. Agir como se os pensamentos fossem possessões particulares é como preterir a afinação invisível em benefício da afinação visível que mostra somente o que é aparente<sup>40</sup> e

---

<sup>37</sup>

<sup>38</sup> (D. 30) *A ordem, a mesma para todos, nenhum deus ou homem a fez, mas ela sempre foi, é e será: fogo eterno, aceso com medida e com medida apagado.*

<sup>39</sup> (D. 2 – C. Kahn) *Embora o dito seja comum (xynos), a maioria dos homens vive como se seus pensamentos (phronesis, phroneein) fossem possessão particular.*

<sup>40</sup> *Estão iludidos os homens quanto ao conhecimento das coisas visíveis, mais ou menos como Homero que foi mais sábio que todos os helenos. Pois enganaram-lhe meninos que matando piolhos lhe disseram: o que vimos e pegamos é o que largamos, e o que não vimos nem pegamos é o que trazemos conosco.* DK 56

parcial<sup>41</sup>, o que está sempre na superfície e não penetra nos sentidos mais profundos das coisas, sentidos que revelam o que há de eterno<sup>42</sup>, indivisível.

(DK. 54) *Harmonia invisível à visível superior.*<sup>43</sup>

Ou seja, tudo aquilo que é particular e visível está relacionado com o plano das aparências, daquilo que é sensível, condicionado física e moralmente assim como as opiniões comuns (*doxa*). A palavra “comuns”, agora sim, entendida não como algo que expressa a unidade subjacente de todas as coisas, mas a multiplicidade, algo banal, algo que pertence a muitos ou a maioria, algo que diz respeito ao vulgar. Esse tipo de conhecimento comum não é desejado por aqueles que amam a sabedoria, a afinação ou harmonia<sup>44</sup> invisível é que deve ser almejada pelo homem verdadeiramente sábio:

*(DK. 114) (Os) que falam com inteligência<sup>45</sup> é necessário que se fortaleçam com o comum de todos, tal como a lei a cidade, e muito mais fortemente: pois alimentam-se todas as leis humanas de uma só, a divina: pois domina tão longe quanto quer, e é suficiente para todas (as coisas) e ainda sobra.*<sup>46</sup>

É nessa afinação oculta ou harmonia invisível identificada com a lei comum que é possível encontrar os sentidos mais profundos da natureza que se escondem na multiplicidade do real, como expressa o fragmento 123 DK.

(DK. 123) *Natureza ama esconder-se.*<sup>47</sup>

---

<sup>41</sup> *Pois uma só é a (coisa) sábia, possuir o conhecimento que tudo dirige através de tudo. DK 41 Não de mim, mas do logos tendo ouvido é sábio homologar tudo é um. DK 50*

<sup>42</sup> *Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas. DK 30*

<sup>43</sup> (D. 54 – C. Kahn...) *A afinação invisível é melhor do que a visível*

<sup>44</sup> A partir de CUNHA CORRÊA, Paula (2008) justifica-se a escolha do termo harmonia dado sua maior abrangência semântica e etimológica. O termo afinação, não obstante sua eloquência, expressa somente um dos sentidos possíveis na história da filosofia.

<sup>45</sup> (D. 114 – C. Kahn) *Falando com compreensão (nous), eles devem apoiar-se no que é comum a todos, assim como uma cidade se apóia na sua lei, e ainda mais firmemente. Pois todas as leis humanas nutrem-se de uma só divina. Esta prevalece como quer e basta para todos e ainda sobra.*

<sup>46</sup> Novamente aqui é possível justificar a preferência pela tradução de José Cavalcante de Sousa como fonte primária. Ao traduzir a palavra grega *nous* observamos que a palavra “inteligência” apresenta muito mais sentidos que a palavra “compreensão”. Compreensão denota antes restrição, inclusão, um abarcar pelo intelecto, ao passo que inteligência constitui a totalidade das faculdades intelectuais.

<sup>47</sup> (D. 123) *A natureza ama ocultar-se.*

Aqui, “ama esconder-se” não é mero predicado, algo que simplesmente acrescenta uma informação ao conceito de natureza. É, antes de tudo, a própria natureza, como se ao pensarmos a natureza, a harmonia oculta ou afinação invisível se fizesse conhecer enquanto expressão da unidade inerente que engendra todas as coisas. Tal conhecimento é como um despertar, um acordar para a verdade. E Heráclito parece querer despertar de um sono<sup>48</sup> onde as pessoas só enxergam multiplicidade, tomando-a como verdade. Para aqueles que dormem a natureza é sempre oculta e incógnita. Já os despertados, como Heráclito, compreendem que a verdade é uma, indivisível e determinante de todo real, como no fragmento:

*(DK. 89) Heráclito diz que para os despertados um mundo único e comum é, mas os que estão no leito cada um se revira para o seu próprio.*<sup>49</sup>

#### **IV - Polimatia e *Metis*: O astuto conhece muito, o sábio move-se guiado pelo *Logos*.**

É sábio concordar que tudo é um como expressa o fragmento DK 50<sup>50</sup>. Muita instrução, conhecer muito sobre muitas particularidades não consiste na verdadeira sabedoria. A pluralidade dos conhecimentos particulares indica um tipo de entendimento e de inteligência restritos a poucos, o que não condiz com os dizeres de Heráclito no fragmento DK 113<sup>51</sup>. O pensamento, tal como o *logos*, não é privilégio de alguns, mas comum a todos. Contudo, o uso que fazemos nas mais diversas circunstâncias desse *logos*, desse pensamento, este sim muda constantemente. Uma inteligência voltada para o ardid, um *logos* efetivado por meio de estratégias para alcançar fins utilitários e restritos, um *logos* movido por *Metis* (a inteligência astuciosa), este jamais alcançará a profundidade do conhecimento daquilo que é eterno, do princípio que move todo o cosmos, jamais chegará ao menos a vislumbrar o *Logos* heraclítico.

---

<sup>48</sup>

<sup>49</sup> (D. 89) *O mundo dos despertados é um e mesmo, mas os que dormem têm cada qual o seu mundo particular.* (KAHN, Charles H.).

<sup>50</sup> CF. nota 27.

<sup>51</sup> *Comum é a todos o pensar.* DK 113

Por outro lado, o sábio é guiado pelo Logos, princípio indivisível que gera todo movimento e é puro movimento. Este Logos é divino<sup>52</sup>, imanente, insondável e inefável em sua totalidade, não se mostra plenamente, apenas dá indícios<sup>53</sup> de sua presença através do conflito e devir permanentes que definem os fenômenos humanos. O Logos imanente dá sinais de sua presença através do logos discursivo, da palavra usada no intuito de inquirir<sup>54</sup>. Porém, inquirir não para permanecer no mero conhecimento da multiplicidade das coisas, mas sim para perscrutar as marcas que o Logos imprime nos fenômenos. Marcas, sinais, indícios que se revelam de forma recorrente e auto-evidente, apesar de muitos se comportarem como se nunca tivessem tido experiência alguma delas<sup>55</sup>.

(DK. 40) *Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e Pitágoras, Xenófanes e Hecateu.*

O fragmento DK40 expressa essa crítica ao conhecimento múltiplo, à polimatia. O caminho norteado pelo Logos não possui barreiras que o limite<sup>56</sup>, tão pouco pode ser exaurido pela simples coleção de conhecimentos empíricos<sup>57</sup> e particulares, não se restringe a uma única forma de caminhar, mas visa compreender, com o tempo, tudo o que há de comum em todas essas particularidades, em todas essas formas de caminhar. O tempo é a intuição abstrata do Logos divino expresso no logos palavra, no processo discursivo, na dialética, no movimento que deve ser entendimento e conhecimento. Este movimento em direção a conduta do homem sábio exige essa intuição abstrata do logos enquanto processo, enquanto eterno devir discursivo. Tempo algum é suficiente para abarcar toda diversidade possível. O que o tempo possibilita enquanto intuição abstrata

---

<sup>52</sup> *Uma só (coisa) o sábio não quer e quer ser recolhido no nome de Zeus.* DK 32

<sup>53</sup> *O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinal.* DK 93

<sup>54</sup> *Pois é preciso que de muitas coisas sejam inquiridores os homens amantes da sabedoria.* DK 35

<sup>55</sup> *L/ Este logos sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir que tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse logos a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa quando fazem despertos, tal como esquecem quando fazem dormindo.* DK 1

<sup>56</sup> *Limites de alma não os encontrarias, todo caminho percorrendo; tão profundo logos ela tem.* DK 45

<sup>57</sup> *Más testemunhas para os homens são os olhos e ouvidos, se almas bárbaras eles têm.* DK 107. O adjetivo “bárbaras” refere-se aos que não dominam o uso das palavras (logos), refere-se aos que não conhecem o idioma grego. Ao dizer que más testemunhas são os olhos e ouvidos o fragmento 107 pode ser interpretado como um posicionamento de Heráclito contra a mera apreensão sensível das coisas, a simples empiria de nada vale se não for regida por um logos, um discurso movido por um Logos divino, insondável e inefável em sua totalidade.

do Logos é revelar alguns indícios, sinais e marcas do inefável Logos, princípio indivisível, eterno e divino de todas as coisas.

## **V - Diké: Uma expressão de nomos e physis como princípios indissociáveis.**

*(DK 44) É preciso que lute o povo pela lei, tal como pelas muralhas..*

Em termos sociais, as leis (*nomos*) em Heráclito representam as formas de percepção e expressão da unidade primeira do cosmos, ou seja, representam a *physis*. Assim, *nomos* e *physis* coincidem no processo ou movimento de ordem cósmica. Este processo ou movimento, como já foi dito, é o princípio (*arké*) móvel e eterno do cosmos: O Logos. As leis não são criação humana, são sobretudo a observação e garantia da expressão do Logos divino que é comum a todos, assim como as leis também o são. Lutar pelas leis é estar em consonância com o propósito do amante da sabedoria, buscar o que é comum, a harmonia invisível que engendra toda ação, todo discurso, todo pensamento. Lutar pelas leis é estar em harmonia com o Logos.

Ambos, as leis e o Logos expressam ordenamento, o primeiro diz respeito ao ordenamento do mundo, do cosmos, já as leis são a manifestação desse ordenamento cósmico em âmbito social. Propugnar pelas leis implica necessariamente em garantir que a harmonia invisível do Logos seja expressa, garantir o que é comum a todos. A justiça (*Diké*) sintetiza e exprime institucionalmente essa noção de ordenamento ao mesmo tempo cósmico, divino e humano.

*(DK 29) Pois uma só coisa escolhem os melhores contra todas as outras, um rumor de glória eterna contra as (coisas) mortais; mas a maioria está empanturrada como animais.*

Tudo está pleno de deuses. Fazer justiça é estar em consonância com os deuses, é escolher o que é comum e eterno, escolher a honra, a glória na imortalidade como o

herói homérico. Ser justo é lutar pela lei como quem se deixa guiar pela *physis*, banhando-se nas águas eternamente mutáveis do rio heraclítico. Justiça é permanecer afinado ao tocar a lira, afinado com a harmonia invisível do Logos feita de dissonâncias e contrapontos morais e estéticos.

Diante da defesa das leis no fragmento DK 44, o que dizer da recusa deliberada de Heráclito em exercer funções políticas e legislar com os efésios? O que dizer também do fato de Heráclito ter se retirado ao templo de Artemis para jogar<sup>58</sup> com as crianças ao invés de cuidar das questões da polis? Bem, diante disso podemos argumentar que renunciar à política não implica necessariamente em renunciar a polis grega e, portanto, não quer dizer descumprimento das leis. Foi por obediência aos deuses, entrega contemplativa à *physis*, foi por propugnar pelo *nomos* que Heráclito voltou-se contra os seus, uma vez que estes estavam a cuidar não do que é comum a todos, mas de particularidades. Abdicar do exercício político junto aos efésios significou evitar ser conivente com aqueles mesmos que expulsaram seu amigo Hermodoro<sup>59</sup>, o melhor dos efésios, da polis.

---

<sup>58</sup> Retirou-se para o templo de Artemis e foi jogar ossinhos com as crianças, apostrofando os efésios, que estavam à sua volta e o olhavam, com as palavras: 'Por que vos admirais, canalhas? Não é melhor fazer isso do que participar convosco do governo da cidade?' LAËRTIOS, Diógenes. pp. 251.

<sup>59</sup> Merecia que os efésios adultos se enforcassem e aos não-adultos que abandonassem a cidade, eles que a Hermodoro, o melhor homem deles e o de mais valor, expulsaram dizendo: que entre nós ninguém seja o mais valoroso, se não que se vá alhures e com outros. DK 121



## Conclusão

Ao propor o tema da presente pesquisa na área de filosofia antiga minha expectativa era conhecer e trabalhar de forma mais detalhada, conceitos e noções fundamentais na filosofia como um todo e, valendo-se destes conhecimentos, solidificar minha formação em nível de graduação. Até o presente momento, o cerne de minha pesquisa deteve-se no exame do conceito de harmonia e de movimento e, nesse sentido, examinei com maior profundidade os fragmentos vinculados explicitamente a esses conceitos.

Os resultados têm sido satisfatórios na medida em que os conhecimentos obtidos até então têm auxiliado no meu desenvolvimento nas distintas disciplinas e no estudo dos diferentes períodos da história da filosofia. Os resultados têm ainda excedido minhas expectativas na medida em que novas perspectivas de pesquisa nas áreas de estética e ética foram suscitadas a partir da investigação e interpretação das noções de harmonia e logos expressa nos aforismos e doxografias de Heráclito de Éfeso. A noção heraclítica de harmonia aponta para um movimento constante onde opostos, antíteses, contradições, conflitos e dissonâncias aparentes não são desprezadas, mas são sobretudo, condições de possibilidade de algo uno e indivisível que subjaz e engendra todo o real.

## Referências

BÄCHLI, Andreas.

BENVENISTE, Emile. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias I – Economia, Parentesco, Sociedade*. Tradução de Denise Botmann. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995

\_\_\_\_\_. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias II – Poder, Direito, Religião*. Tradução de Denise Botmann, Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

BURNS, Jonathan. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

COLLI, Giorgio. *A sabedoria grega (I): dioniso, apolo, elêusis, orfeu, museu, hiperbóreos, enigma*. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo: Paulus, 2012.

CORREA, Paula. “Harmonia: mito e música na Grécia Antiga”. In: *Kleos*, nº2/3: 174 a 217, 1998/1999.

CORNFORD, F.M. *Principium Sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego*. Tradução de Maria Manuela Rocheta dos Santos. Prefácio de W. K. C Guthrie. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

\_\_\_\_\_. *Antes e Depois de Sócrates*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOBRY, Ivan. *Vocabulário Grego de Filosofia*. Tradução de Ivone C. Benedetti. Revisão Técnica de Jacira de Freitas. Caracteres gregos e transliteração de Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

KAHN, Charles. *A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário*. Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2009.

\_\_\_\_\_. *Pitágoras e os pitagóricos: uma breve história*. Tradução de Luis Carlos Borges. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_.

KIRK, G.S, RAVEN, J.E e SCHOENFIELD. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Tradução de Carlos Alberto L. Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

LAÉRTIOS, Diógenes. *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB, 1988.

NASSER, Najat. “ O Ethos na Música Grega.” In: *Boletim do CPA*. Campinas/SP, nº4, jul/dez. 1997.

SOUZA, José Cavalcante. (org, e trad.). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1975.

SCHÜLER, Donaldo, 1932- *Heráclito e seu (dis)curso*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

PETERS, F.E. *Termos Filosóficos Gregos: um léxico histórico*. Tradução de Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

ROSSETI, Lívio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filológicas e outras “ferramentas de trabalho”*. Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CORRÊA, Paula da Cunha. *Harmonia: mito e música na Grécia Antiga – 2. Ed.* – São Paulo: Humanitas, 2008.

